

Ligue 180

Um serviço da Secretaria de Políticas
para as Mulheres da Presidência da República
que orienta mulheres vítimas de violência



www.institutoavon.org.br

Pesquisa

*Instituto Avon/Data Popular –
Percepções dos homens
sobre a violência doméstica
contra a mulher*

<i>Perfil da Pesquisa</i>	04		
			08
<i>A Lei Maria da Penha: amor e ódio</i>	14		
			18
<i>Que saída eles enxergam?</i>	32		
			36
<i>Anexos</i>	38		
			<i>Violência percebida e assumida</i>
			<i>Estereótipos de gênero e violência</i>
			<i>A Campanha Fale sem Medo</i>

Uma causa de mulheres e homens

Em 2008, ao lançarmos no Brasil a campanha **Fale sem Medo – Não à Violência Doméstica** – que hoje está presente na maior parte dos mercados onde a Avon atua, tivemos a clara noção de que uma de nossas ações para contribuir para essa causa deveria ser incentivar a captação e a organização de informações sobre o tema. No ano seguinte, em parceria com o Instituto Patrícia Galvão, lançávamos nossa primeira pesquisa com dados inéditos sobre a percepção da população em relação à violência. Uma segunda pesquisa foi realizada em 2011 e, agora, chegamos à terceira edição de nossa série, dessa vez construída em parceria com a empresa de pesquisas Data Popular e a consultoria do Instituto Noos. Desde o início dessa campanha, o Instituto Avon tem trabalhado ao lado de inúmeros parceiros e buscado não apenas informar e entender melhor a complexidade da violência doméstica, mas também apoiar projetos que atuem no sentido de desconstruir os vários elementos que contribuem para a construção da violência em nossa sociedade. Nesse contexto, decidiu-se, para esta terceira pesquisa, ouvir os homens e conhecer a

percepção deles sobre o assunto. Isso porque, em nosso entendimento, não é possível atacar diretamente a questão sem conhecer o cenário sociológico e psicológico onde esta violência se constrói, e dessa forma procurar transformar a cultura e a mentalidade geral que ainda aceita a idéia de dominação de um gênero sobre o outro. As mulheres são, inegavelmente, as maiores vítimas da cultura machista, que apesar de obsoleta e enfraquecida, persiste – e é dentro desse ambiente propício para a violência que surgem os homens agressores. Mas não esqueçamos que muitos homens rejeitam categoricamente a violência contra a mulher, e termos eles do nosso lado só pode fortalecer nosso trabalho. Precisamos de homens e mulheres, juntos, para a violência contra a mulher ter fim.



Lírio Cipriani

Diretor Executivo do Instituto Avon

**Carlos
Eduardo
Zuma**

Secretário Executivo
do Instituto Noos

**CONHECER A VISÃO DOS HOMENS
É FUNDAMENTAL PARA A CAUSA**

“É muito importante ter a perspectiva do homem sobre a violência doméstica contra a mulher para podermos criar novas ferramentas e recursos para lidar com a questão e entendermos as lacunas que precisam ser preenchidas. Nesta pesquisa, por exemplo, notamos que ainda é preciso trabalhar com eles o conceito de violência doméstica, para que entendam que comportamentos mais aceitos pela sociedade, como xingar e humilhar a companheira, são também violência doméstica. E abordou-se também a questão da cultura machista, que leva homens e mulheres a terem expectativas equivocadas sobre o papel de suas companheiras e companheiros e a se julgarem no direito de usar a violência diante de qualquer frustração em relação a essas expectativas.”



O homem brasileiro e a violência doméstica

A pesquisa **“Instituto Avon/Data Popular – Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher”** foi realizada em âmbito nacional. Na etapa qualitativa, foram entrevistados 13 especialistas ligados a órgãos governamentais e organizações da sociedade civil que se dedicam ao enfrentamento da violência doméstica contra a mulher, além de 6 homens que cometeram agressões contra mulheres. Na etapa quantitativa, 1500 pessoas de 50 municípios responderam a um questionário. Os homens representam dois terços dos entrevistados.

	ETAPA QUALITATIVA	ETAPA QUANTITATIVA
METODOLOGIA	Entrevistas em profundidade com especialistas no assunto e homens autores de violência	Aplicação de questionário estruturado por meio de entrevistas pessoais domiciliares
OBJETIVO	Ampliar o conhecimento sobre o assunto por meio de entrevistas com especialistas e pessoas que vivenciaram essa experiência	Mapear a percepção masculina sobre a violência doméstica e fatores culturais relacionados ao tema
PRAÇAS	São Paulo e Rio de Janeiro	50 municípios nas 5 regiões do Brasil urbano
PERÍODO DE CAMPO	Agosto a setembro de 2013	Setembro de 2013
AMOSTRA	6 homens autores de violência e 13 especialistas	1500 entrevistas com homens e mulheres de 16 anos ou mais

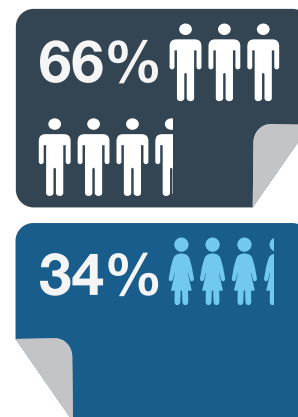
Perfil da pesquisa



ETAPA QUALITATIVA - ESPECIALISTAS

APARECIDA GONÇALVES	Secretária de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República
CARLOS EDUARDO ZUMA	Cofundador e Secretário executivo do Instituto Noos
DANIEL COSTA LIMA	Consultor da área técnica da saúde do homem do Ministério da Saúde
DARIO ADOLFO CÓRDOVA POSADA	Psicólogo do Centro de Referência da Cidadania LGBT da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro
ROSMARY CORREA	Presidente do Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado de São Paulo
GARY BARKER	Diretor internacional do Promundo
JACIRA VIEIRA DE MELO	Diretora Executiva do Instituto Patrícia Galvão
MARCELO ANÁTOCLES FERREIRA	Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro
MARCOS NASCIMENTO	Coordenador Adjunto do Centro Latinoamericano de Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)
MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES	Coordenadora do projeto de Promotoras Legais Populares e do Projeto Maria Maria; Integrante da União de Mulheres de São Paulo
MARIA DA PENHA FERNANDES	Presidente do Instituto Maria da Penha
NADINE GASMAN	Representante da ONU Mulheres Brasil
SÉRGIO FLÁVIO BARBOSA	Coordenador do Projeto Homens Autores de Violência contra Mulheres do Coletivo Feminista

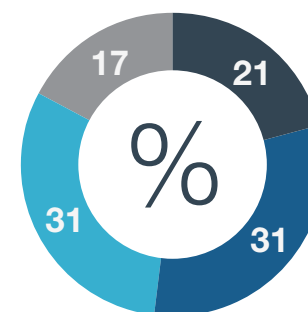
Sexo



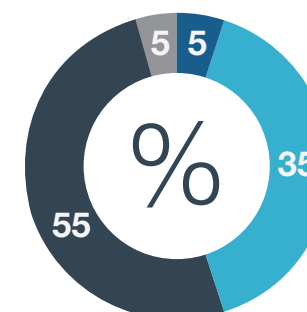
Região



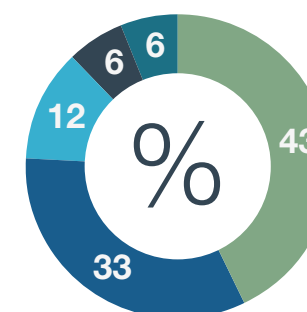
Idade



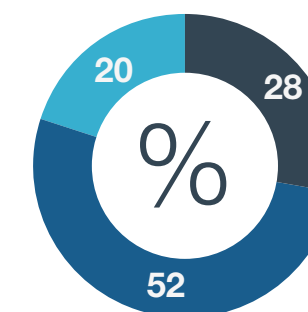
Escolaridade



Estado Civil



Classe



Violência percebida e assumida



Amelinha
Teles

Coordenadora
do Projeto Promotoras
Legais Populares

ESSA VIOLÊNCIA É APRENDIDA

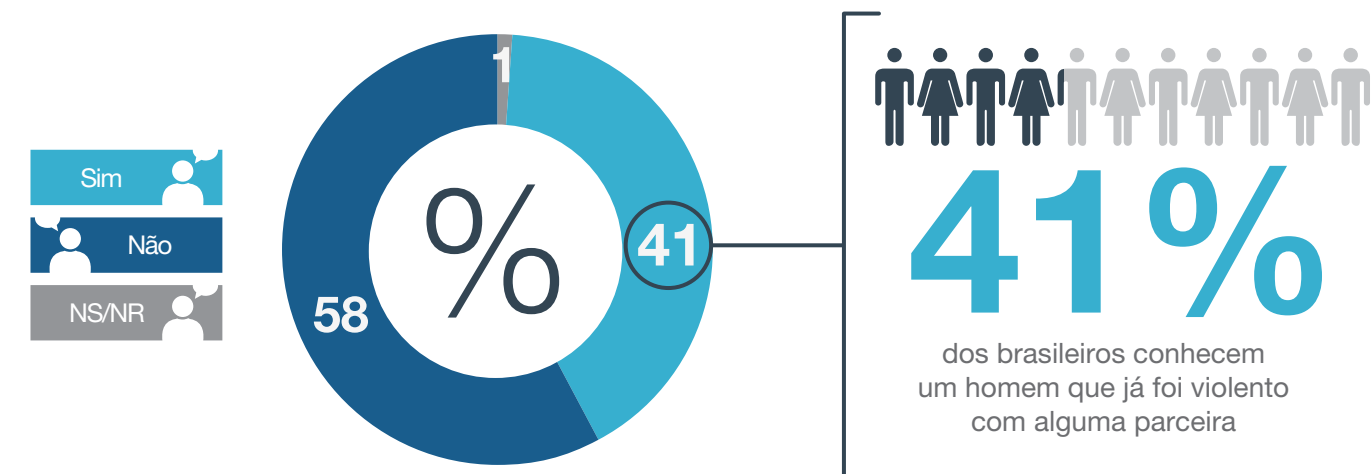
“A violência contra as mulheres é o primeiro tipo de violência com a qual os seres humanos lidam. Os dados são estonteantes: a cada 24 segundos uma mulher sofre violência. Muitas são agredidas enquanto estão grávidas e seus bebês já nascem em situação de violência. Nesse sentido, é uma das matrizes de outras formas de violência. Isso é resultado de uma desigualdade, que dá aos homens poder sobre as mulheres, inclusive de vida e de morte. Essa violência é aprendida: tanto homens como mulheres aprendem a ser agressores, agressoras e vítimas. Nosso trabalho é desconstruir esse aprendizado.”

Certas atitudes agressivas ainda não são vistas como violência

Os números chamam a atenção: 52 milhões* de brasileiros admitem ter algum conhecido, parente ou amigo que já foi violento com a parceira. No entanto, apenas 9,4 milhões de homens admitem terem tido tal atitude. Mais curioso ainda é que a incidência aumenta quando são listadas as atitudes que configuram violência doméstica, sem que sejam nomeadas dessa forma. Isso mostra que determinados comportamentos ainda não são vistos como violentos. A pesquisa também constatou que, dentre aqueles que cometeram agressão, a minoria cometeu uma dessas atitudes apenas uma vez na vida.

Aproximadamente 52 milhões de brasileiros conhecem um homem que já foi violento com a parceira

Conhece um homem que já foi violento com alguma parceira?



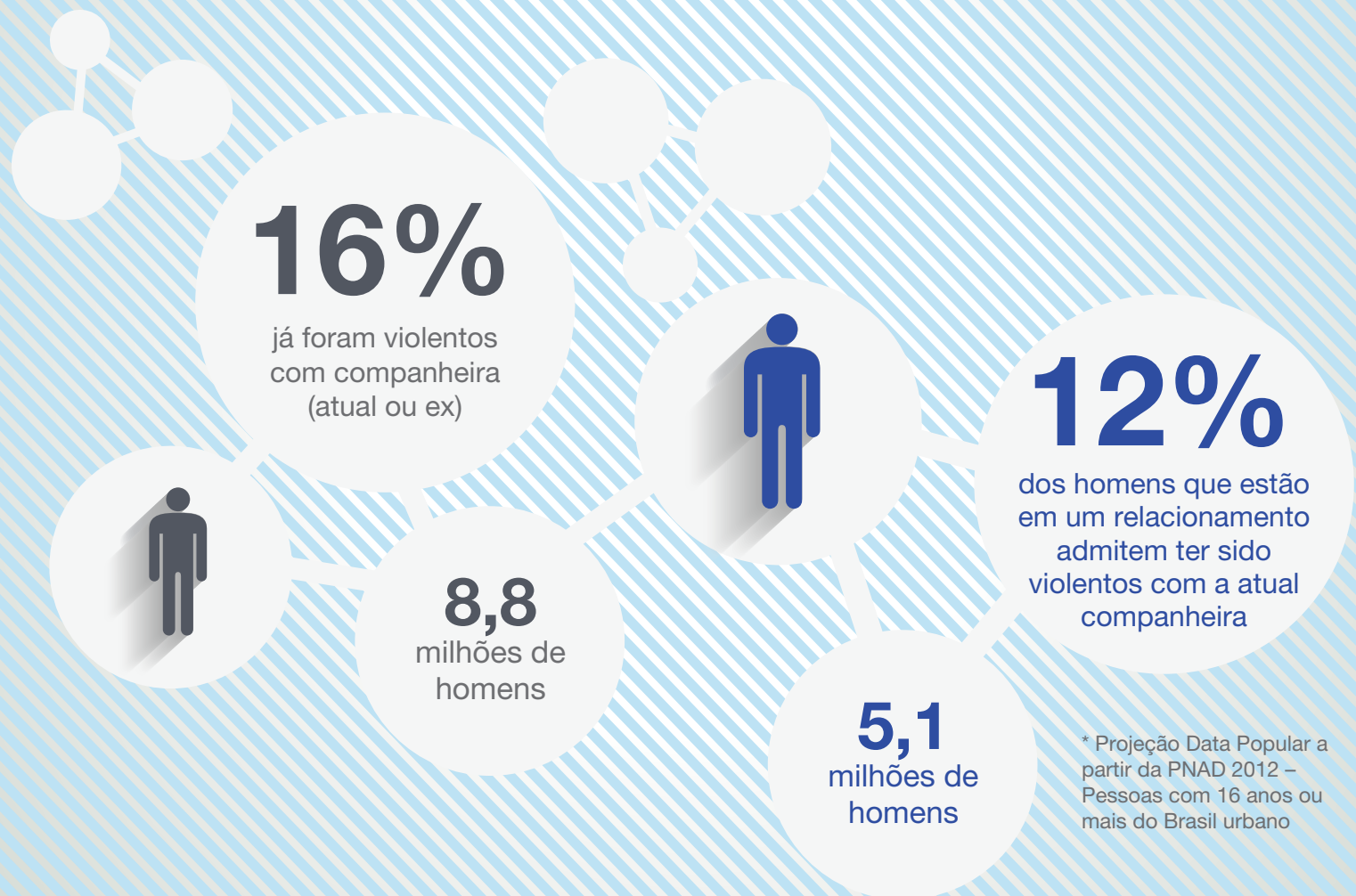
Base: 1.500 pessoas

* Projeção Data Popular a partir da PNAD 2012 – Pessoas com 16 anos ou mais do Brasil urbano

E7 Você tem algum conhecido, parente ou amigo homem que já foi violento com alguma parceira? Se sim, quantos?

Violência percebida e assumida

Como visto na página anterior, 41% da população brasileira conhece um homem que já foi violento com alguma parceira. No entanto, apenas 16% dos homens assumem ter sido violentos com a atual ou a ex-companheira e 12% admitem violência com a companheira atual



Base: 746 homens com companheira e 956 homens com atual ou ex-companheira

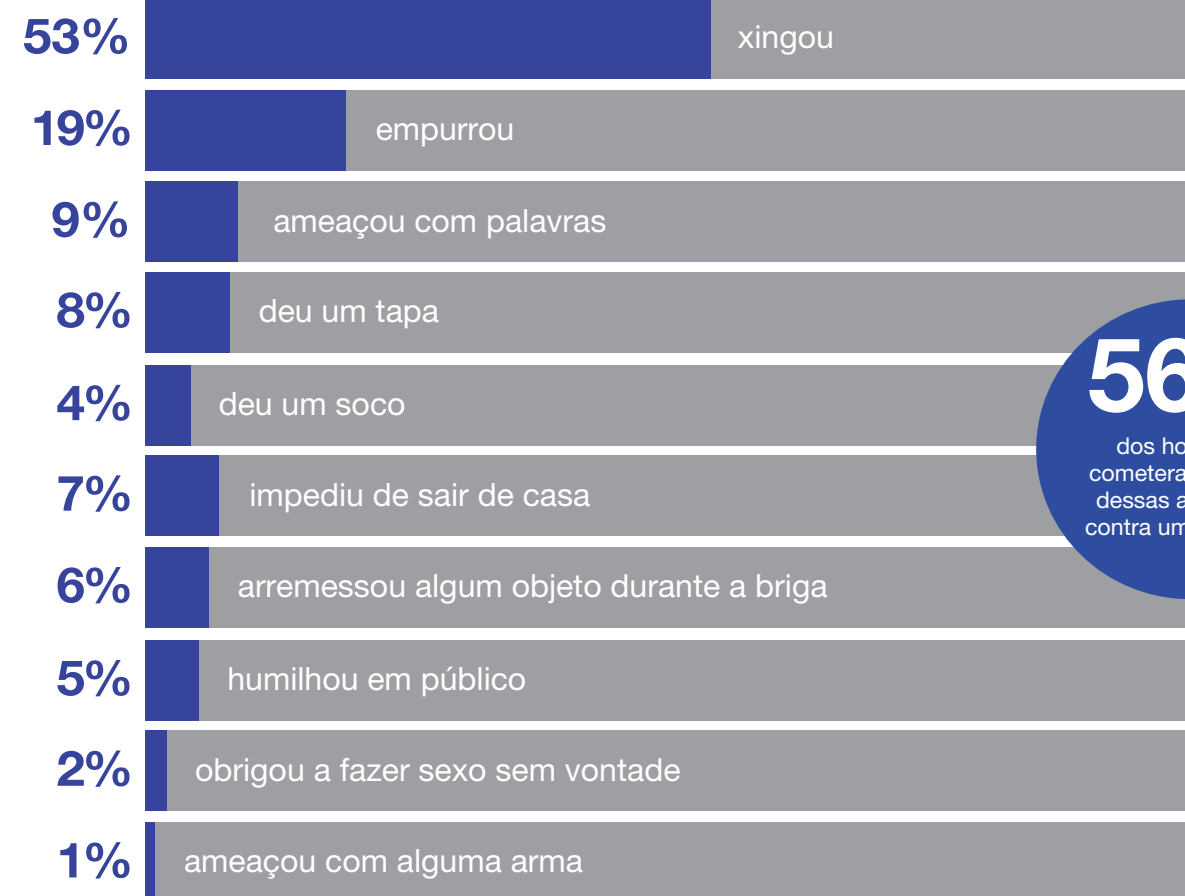
E13. Pensando ainda no seu relacionamento atual, alguma vez você já foi violento com seu/ sua atual companheiro(a)?

E17. Pensando ainda nos seus relacionamentos anteriores, alguma vez você foi violento com algum(a) parceiro(a)?



Listando as atitudes: 56% dos homens admitem ter cometido atitude que caracteriza violência

Já praticou ... contra alguma (atual ou ex) companheira (homens)



56%

dos homens já cometeram alguma dessas agressões contra uma parceira

53%
Classe Baixa

55%
Classe Média

59%
Classe Alta

Base: 956 homens

E20. Pensando ainda em todos os seus relacionamentos, alguma vez na vida você já ... um(a) companheiro(a):

Violência percebida e assumida



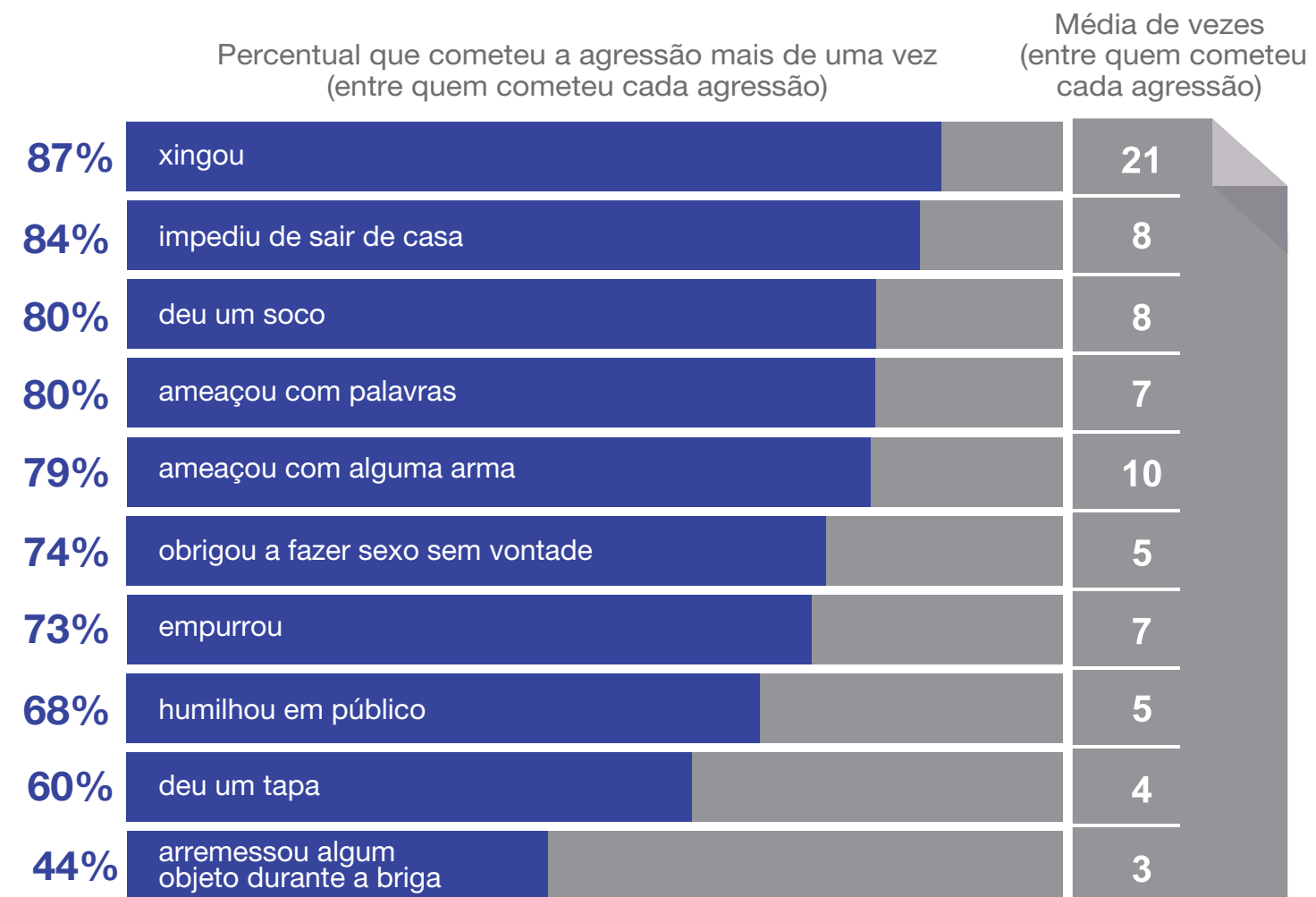
A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CORRÓI A ALMA

“Para uma violência física acontecer, é porque já ocorreram várias outras violências de forma psicológica, moral. São essas as que mais danificam a relação e principalmente a saúde mental das mulheres - e dos homens também. Muitos homens nem sabem quando aconteceu isso, porque não encaram essa violência como alguma coisa construída, acham que é natural. A mulher também só vai perceber quando entra em depressão, começa a ter ansiedade ou insônia. Mas isso não é natural, foi construído dentro das relações sociais.”

Sérgio
Flávio
Barbosa

Coordenador do projeto
Homens Autores de Violência
Contra Mulheres, do Coletivo
Feminista Sexualidade e Saúde

A maioria das atitudes agressivas foi cometida mais de uma vez



Base: 530 homens
E20. Pensando ainda em todos os seus relacionamentos, alguma vez na vida você já ... um(a) companheiro(a):

Lei Maria da Penha: amor e ódio



Marcelo
Anátocles
Ferreira

Juiz de Direito do Tribunal
de Justiça do Rio de
Janeiro

A LEI PODE SER AINDA MAIS EFETIVA

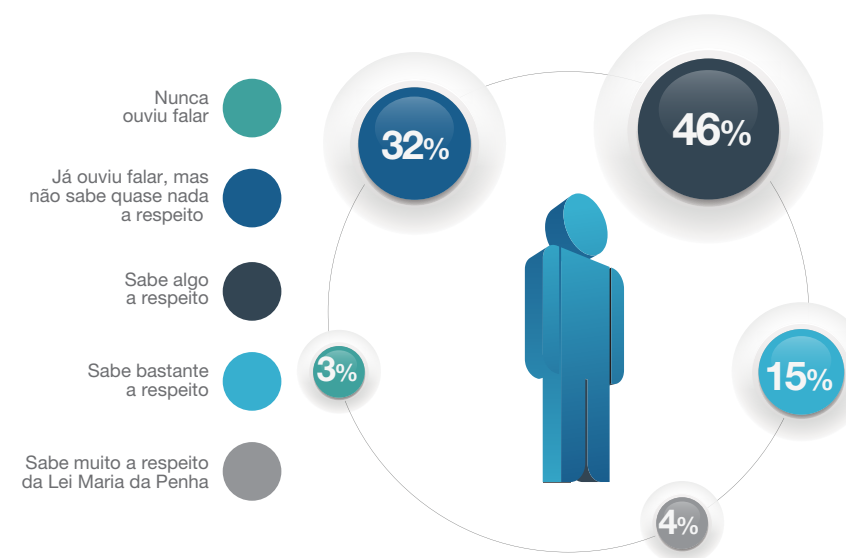
“As estatísticas mostram que a Lei Maria da Penha já conquistou o importante objetivo de dar uma maior visibilidade ao tema da violência doméstica, mostrando para homens e mulheres quais são seus direitos e deveres. Mas acredito que duas medidas são necessárias para que a lei se torne ainda mais efetiva. A primeira, refere-se à instalação dos centros de educação e reabilitação dos agressores, que possibilitarão discussões sobre o tema com os homens, havendo assim uma possibilidade de término do ciclo de violência. A segunda é a realização de campanhas educativas de prevenção voltadas ao público escolar e à sociedade em geral. Somente com investimento em educação será possível diminuir o problema nas futuras gerações.”

Lei Maria da Penha é conhecida e aprovada, mas falta compreensão

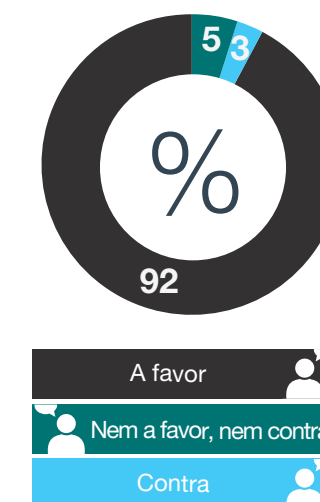
A aprovação à Lei Maria da Penha é alta: 9 em cada 10 homens diz ser favorável a ela. Eles acreditam que a criação de serviços especializados, como delegacias da mulher e casas-abrigo, contribui para diminuir a violência doméstica contra a mulher. Porém, ainda há muito desconhecimento sobre o funcionamento da lei e, especialmente, sobre as questões de gênero que a fundamentam.

92% dos homens são favoráveis à Lei Maria da Penha
35% dizem desconhecer a lei (total ou quase totalmente)

O quanto conhece a Lei Maria da Penha (homens)



Posição sobre a Lei Maria da Penha (homens)



Base: 995 homens

F1. Você conhece, ainda que de ouvir falar, a Lei Maria da Penha? F2. Com relação à Lei Maria da Penha, você diria que... F3. A Lei Maria da Penha cria mecanismos para prevenir a violência doméstica contra a mulher. Você é a favor ou contra a Lei Maria da Penha?



Maioria tem percepção de que serviços de atendimento à mulher ajudam a reduzir a violência

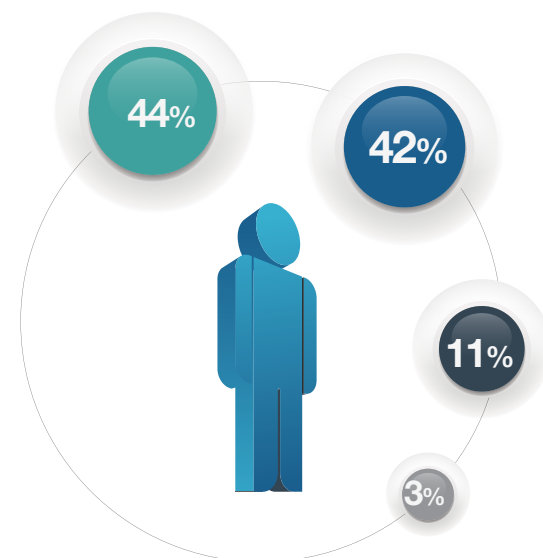
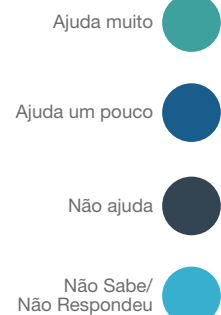
63%

dos homens sabem que a Lei Maria da Penha cria serviços de atendimento para a mulher vítima de violência doméstica



86%

acham que a Lei Maria da Penha ajuda a reduzir a violência doméstica contra a mulher

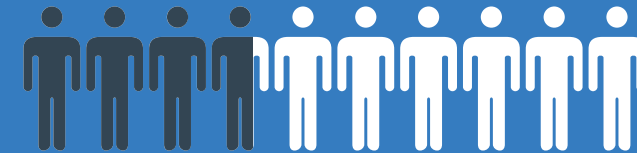


Base: 995 homens

F12. A Lei Maria da Penha cria serviços de atendimento para a mulher vítima de violência doméstica, como Delegacia da Mulher, casas abrigo e centros especializados. Você sabia disso?
F12b. Você acha que isso ajuda a reduzir a violência doméstica contra a mulher?

Maioria dos homens não entende que a Lei Maria da Penha atua para reduzir desigualdade de gênero

37%



dos homens acham que, por causa da Lei Maria da Penha, as mulheres os desrespeitam mais

81%



dos homens são a favor de que a Lei Maria da Penha seja usada para proteger também homens que são agredidos por mulheres

Trechos da Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006,
Lei Maria da Penha

“Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher”

“(…) configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (…)

F5. Na sua opinião, a Lei Maria da Penha faz com que as mulheres desrespeitem mais os homens? (RU)

F4. Você acha que a Lei Maria da Penha também deve ser usada para proteger homens da violência doméstica praticada por mulheres? (RU).



CRISE DE UM MODELO MACHISTA

“A ideia de que um homem pode usar da violência para resolver determinados conflitos foi ensinada, pelas brincadeiras, pelas orientações, pela fé, dentro de casa. Esse modelo de masculinidade acaba se tornando muito rígido, com pouca flexibilidade e com poucas saídas para gerenciar os conflitos. Muitas vezes a gente vê que alguns aspectos da hierarquia de gênero estão mudando e parece que não avisaram esses homens. Vem se falando muito sobre crise da masculinidade, da sexualidade masculina. É um reflexo de tudo isso.”

*Dario Adolfo
Córdoba
Posada*

Psicólogo do Centro de Referência da Cidadania LGBT da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro

Papéis tradicionais de homens e mulheres ainda são referências

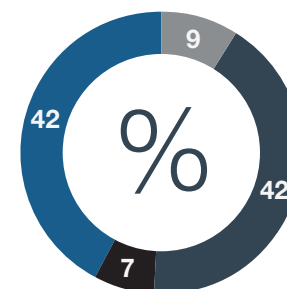
A visão tradicional do que é ser homem e do que é ser mulher continua forte entre os homens. Por um lado, a construção da masculinidade ainda está relacionada a experiências de violência e pela repressão aos sentimentos. Pelo outro, homens consideram que as mulheres sejam responsáveis pelos cuidados com a casa e sigam determinados padrões de comportamento, como não sair sem o marido.

*Autores de violência conviveram mais com agressões no lar.
Educação de forma geral apresenta violência como solução de conflitos*

Frequência com que pai e mãe discutiam ou se agrediam (homens que moravam com pai e mãe na infância)

Mais frequente entre homens agressores

Discutiam verbalmente

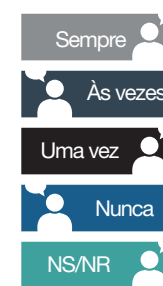
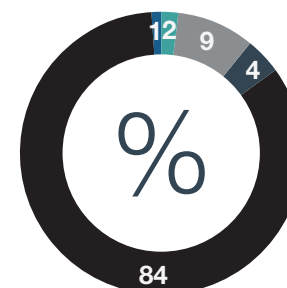


Presenciou discussão

Homens agressores
67%

Homens não-agressores
47%

Agrediam-se fisicamente



Presenciou discussão

Homens agressores
21%

Homens não-agressores
9%

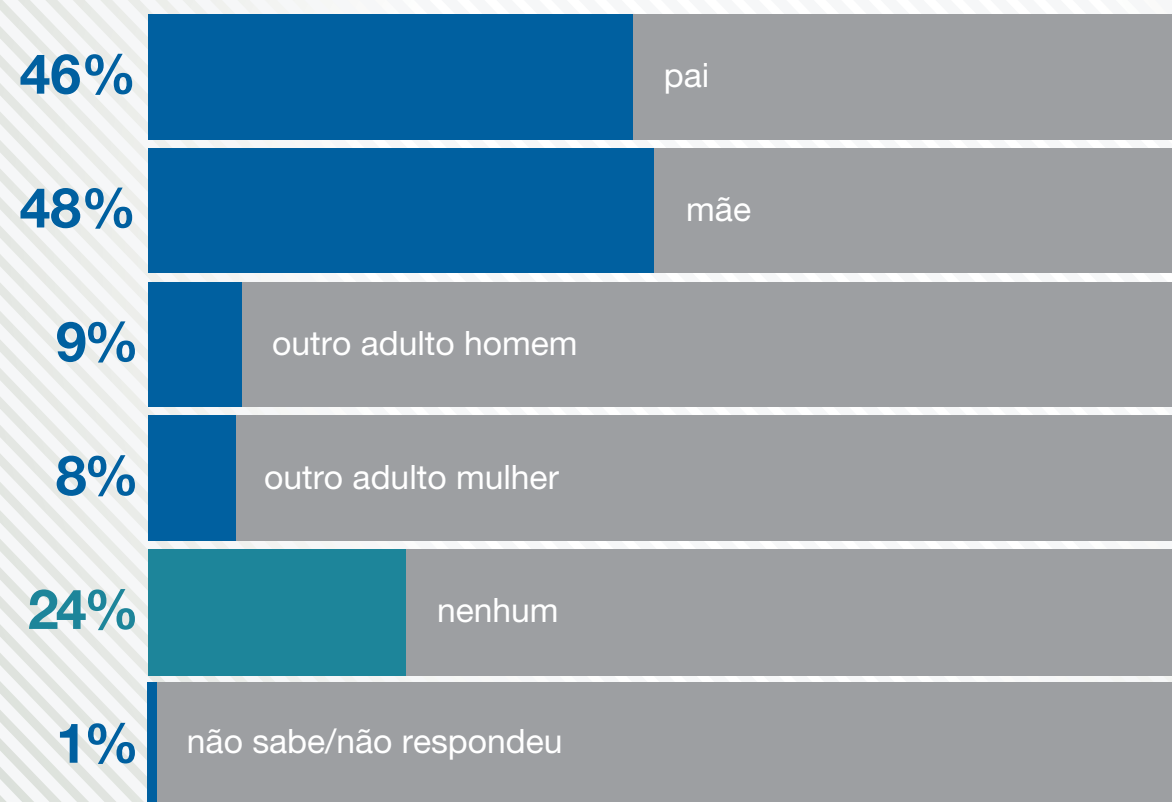
Base: 809 homens
C6. Quando você era pequeno, na sua casa, com que frequência seus pais ou responsáveis...

Estereótipos de gênero e violência



75% dos homens apanharam de um adulto quando criança

De qual adulto apanhou



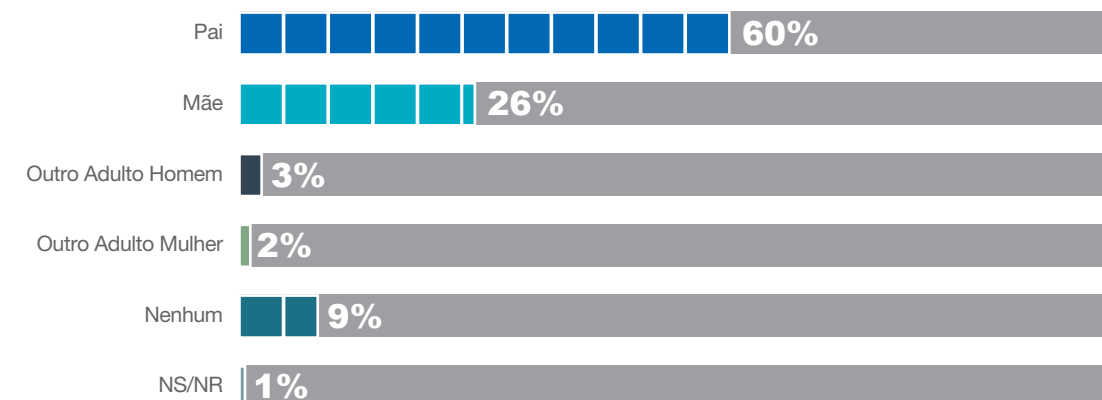
Apanhou de algum adulto

Homens agressores
81%

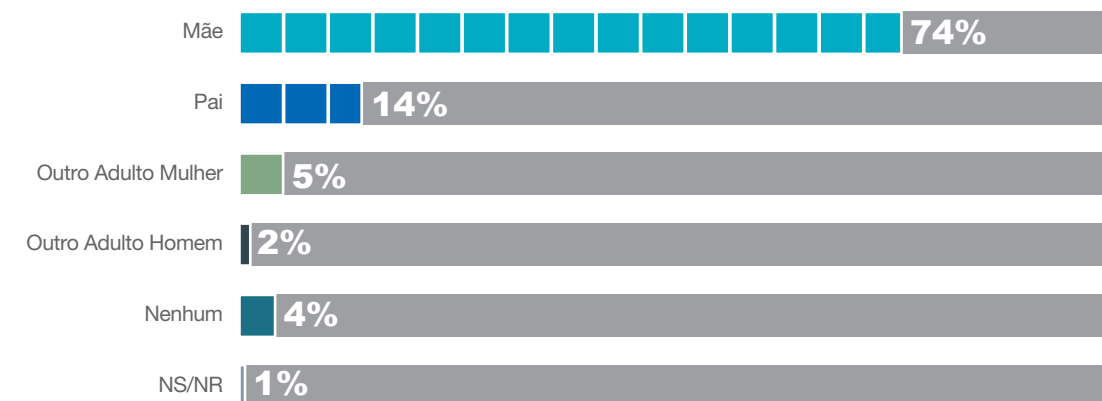
Homens não-agressores
68%

Minoria tem pai como maior exemplo de carinho

Adulto mais **bravo** na infância (homens que moravam com pai e mãe)



Adulto mais **carinhoso** na infância (homens que moravam com pai e mãe)



81%

dos homens moravam com seu pai e sua mãe na infância

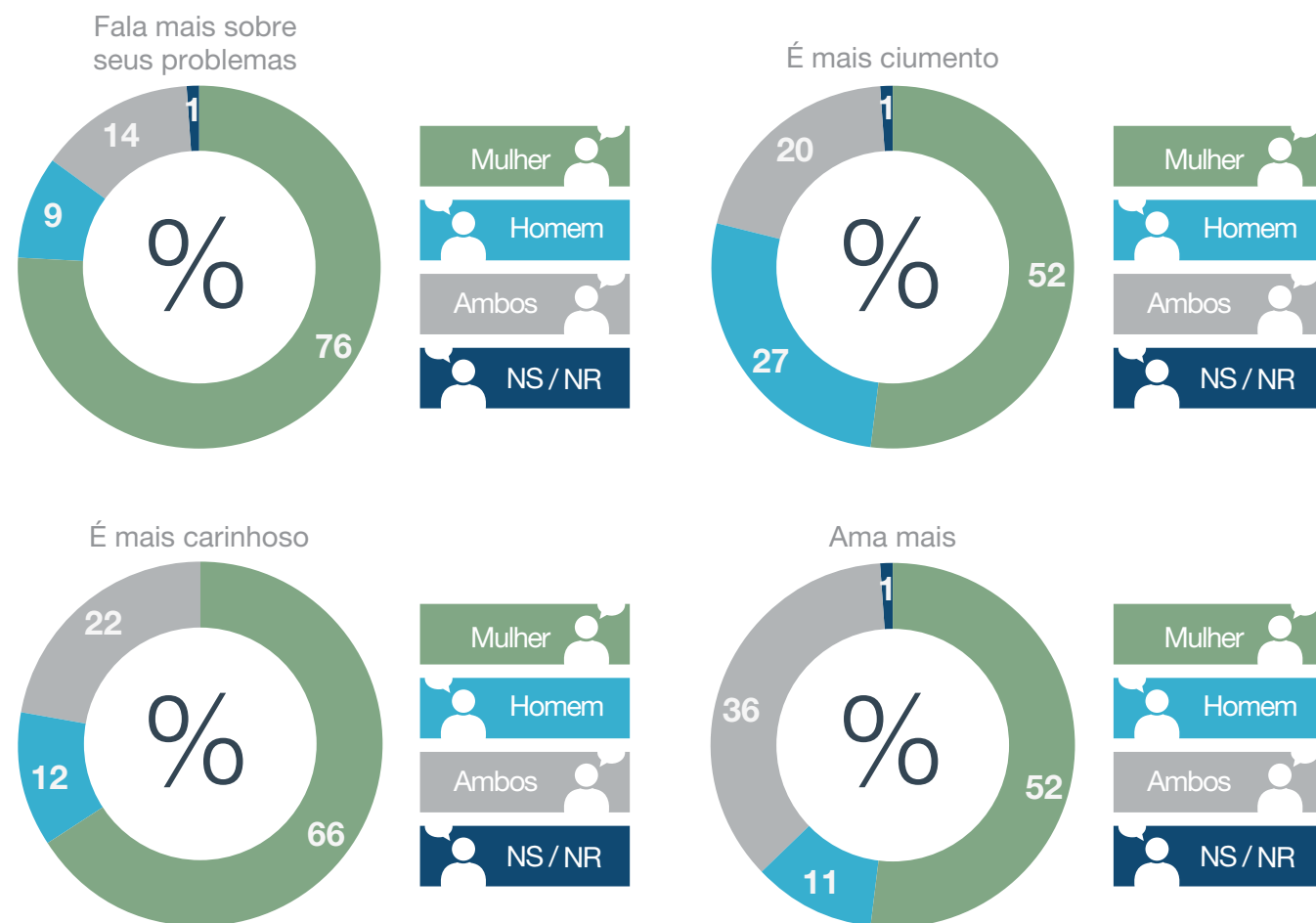
Estereótipos de gênero e violência



Para os homens falar sobre problemas e ser carinhoso é visto como comportamento típico de mulher

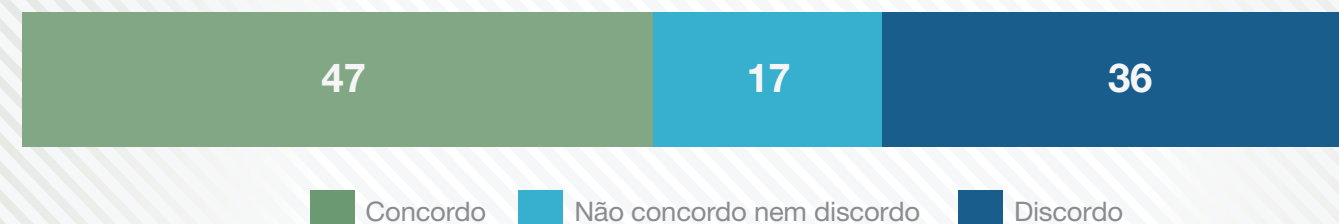
Mas traição e necessidade de sexo são vistos pela maioria como mais relacionados ao homem

A quem mais atribuem as seguintes características (homens)



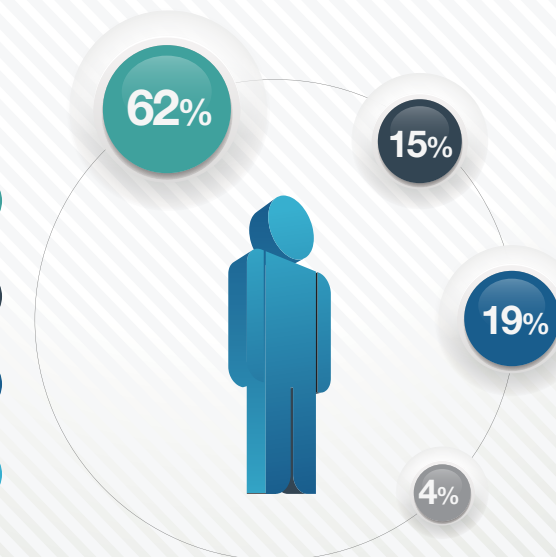
Concordância com a frase (homens)

O homem precisa mais de sexo do que a mulher



A quem mais atribuem as características (homens)

Trai mais
 Homem ●
 Mulher ●
 Ambos ●
 NS/NR ●



Base: 995 homens
 D4. Algumas características podem ser mais associadas a homens ou mulheres. De modo geral, você diria que quem: ...

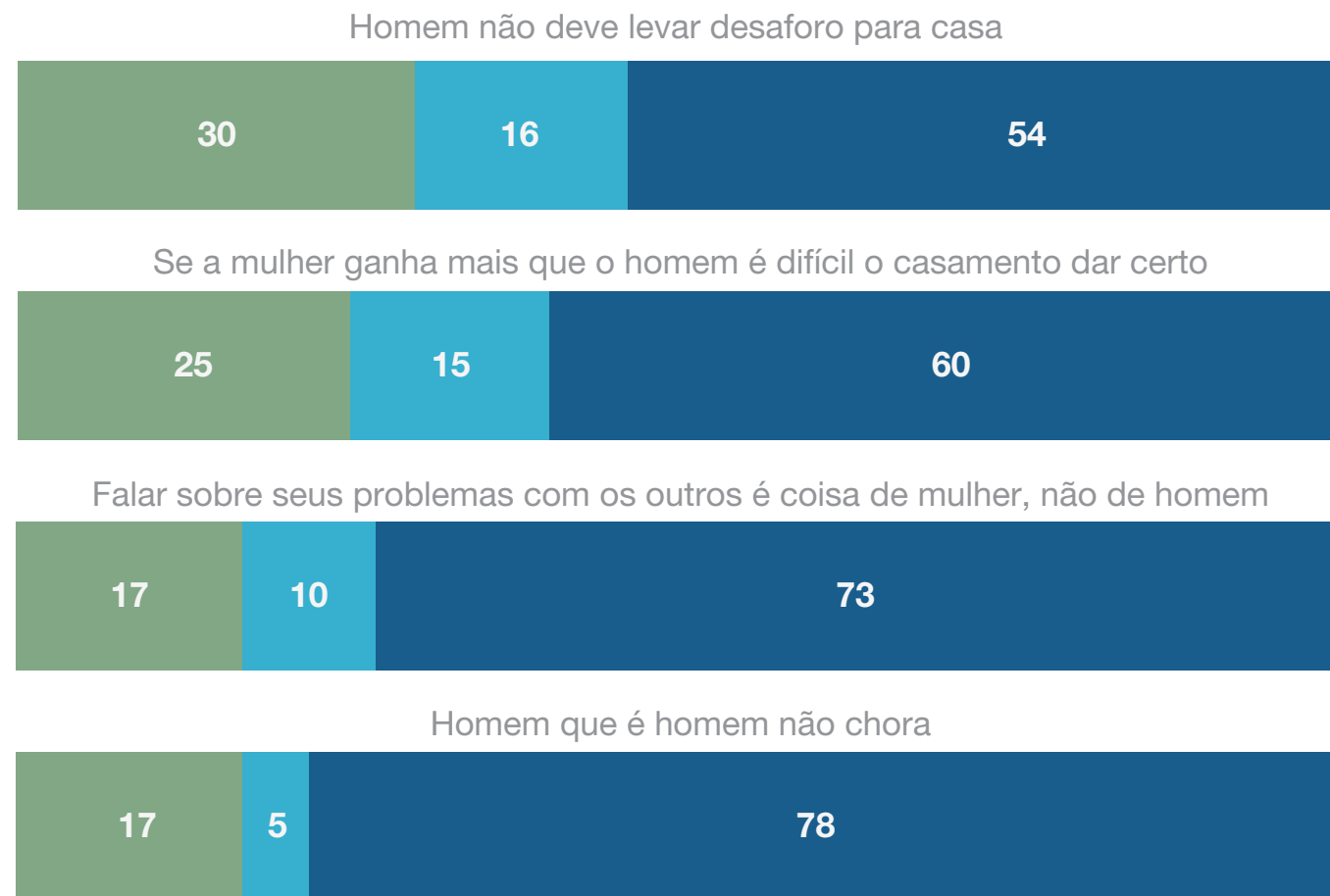
Base: 995 homens
 E5. Diga-me o quanto concorda ou discorda das seguintes afirmações...
 D4. Algumas características podem ser mais associadas a homens ou mulheres. De modo geral, você diria que quem: ...

Estereótipos de gênero e violência



Muitos homens ainda concordam com o perfil tradicional do machão...

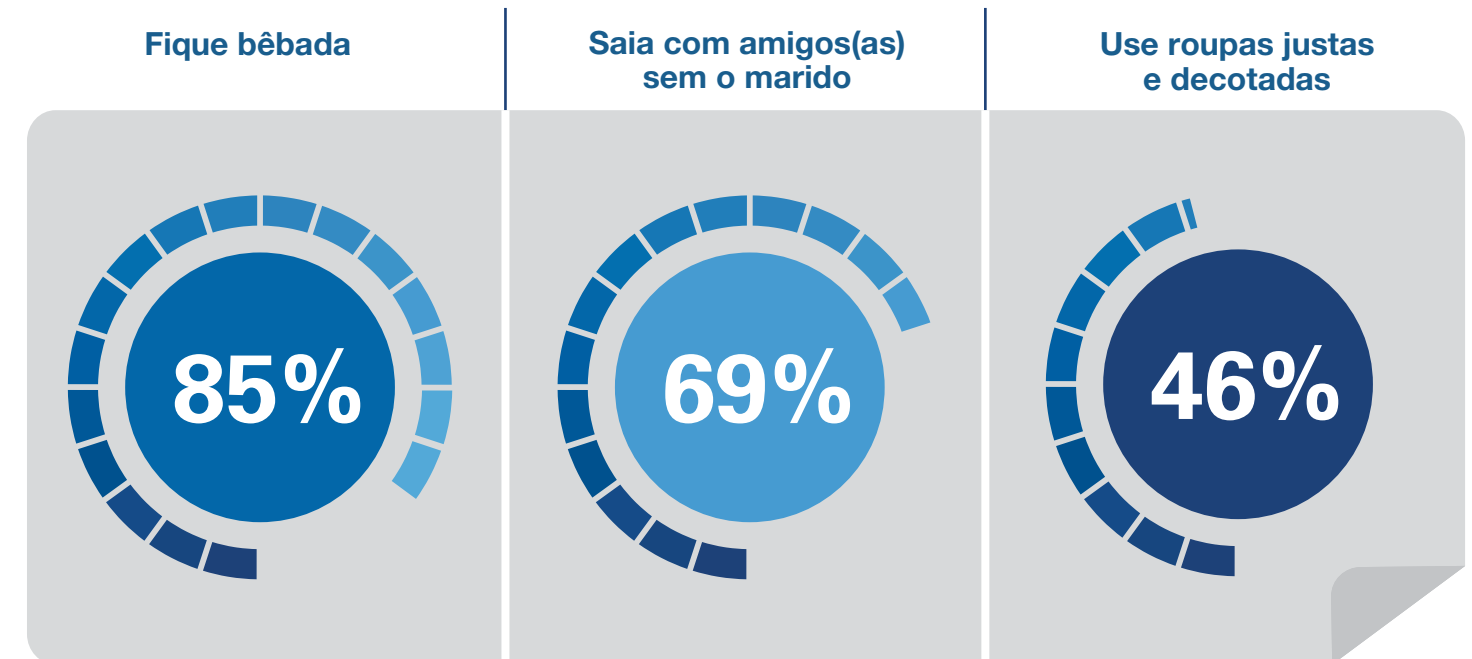
Concordância com a frase (homens)



Concordo Não concordo nem discordo Discordo

...e maioria considera “inaceitáveis” certas condutas por parte da mulher

Não acha aceitável que uma mulher... (entre os homens)



Base: 995 homens
E3. Você acha aceitável que uma mulher...

Estereótipos de gênero e violência



Marcos Nascimento

Coordenador adjunto do Centro Latinoamericano de Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)

DE PAI PARA FILHO

“A violência se torna naturalizada, banalizada, e, em determinados conflitos, legitimada. Eu ouvi de um homem: “Meu pai batia na minha mãe, meu sogro na minha sogra, sempre achei que era assim que tinha que ser”. Outro ponto é que, ao definir o que é considerado violência, certas atitudes são banalizadas, como se fossem aceitáveis. E há a questão de achar que é legítimo usar a violência contra a mulher em determinadas ocasiões. Uma suposta ou efetiva traição foi usada no passado como justificativa para o uso da violência contra as mulheres, e ainda é motivo para assassinato de mulheres. E isso é compartilhado entre os pares, entre os amigos, entre os outros homens.”

Quase metade dos homens acha que a mulher é responsável pelo cuidado com a casa

Concordância com a frase (homens)
O homem pode até ajudar, mas quem deve ser responsável por cuidar da casa é a mulher

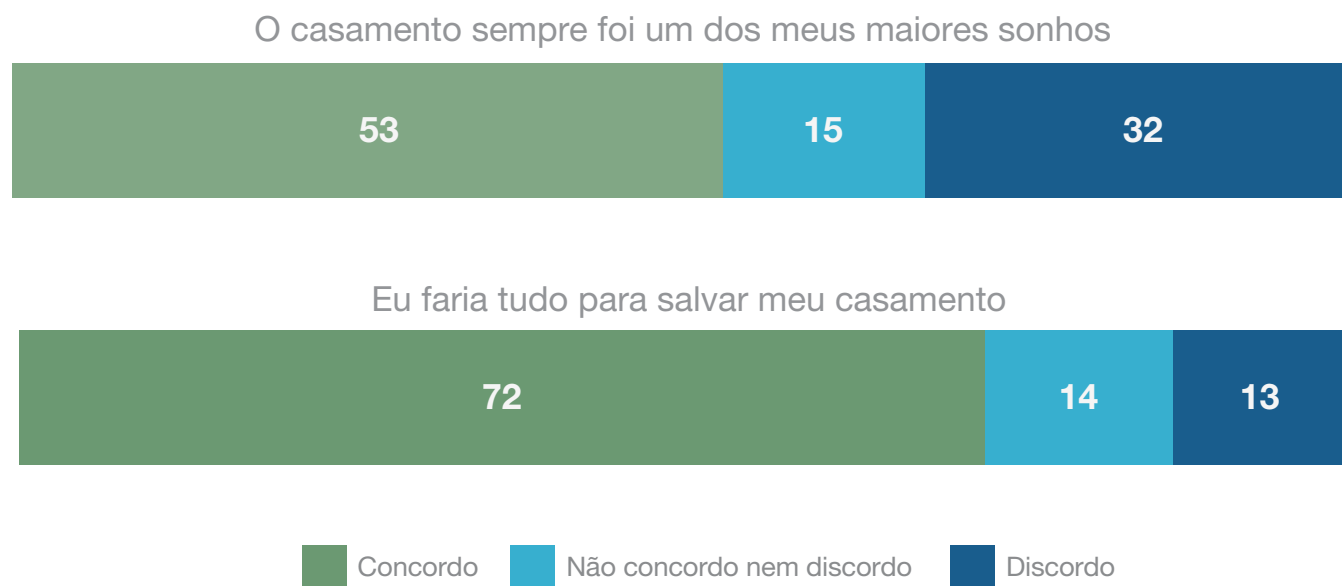


Base: 995 homens
D1. Diga-me o quanto concorda ou discorda das seguintes afirmações...



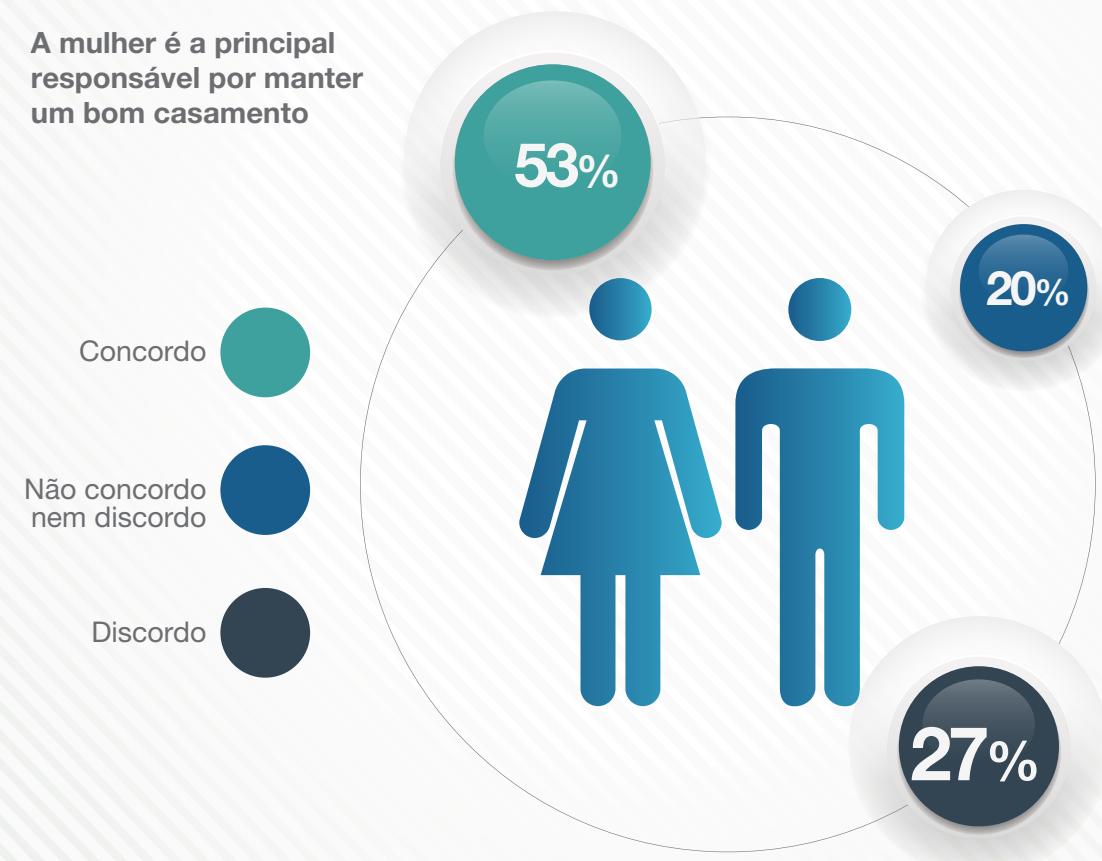
Casamento é valorizado pelos homens...

Concordância com a frase (homens)



...mas maioria dos homens atribui o sucesso do casamento às mulheres

A mulher é a principal responsável por manter um bom casamento

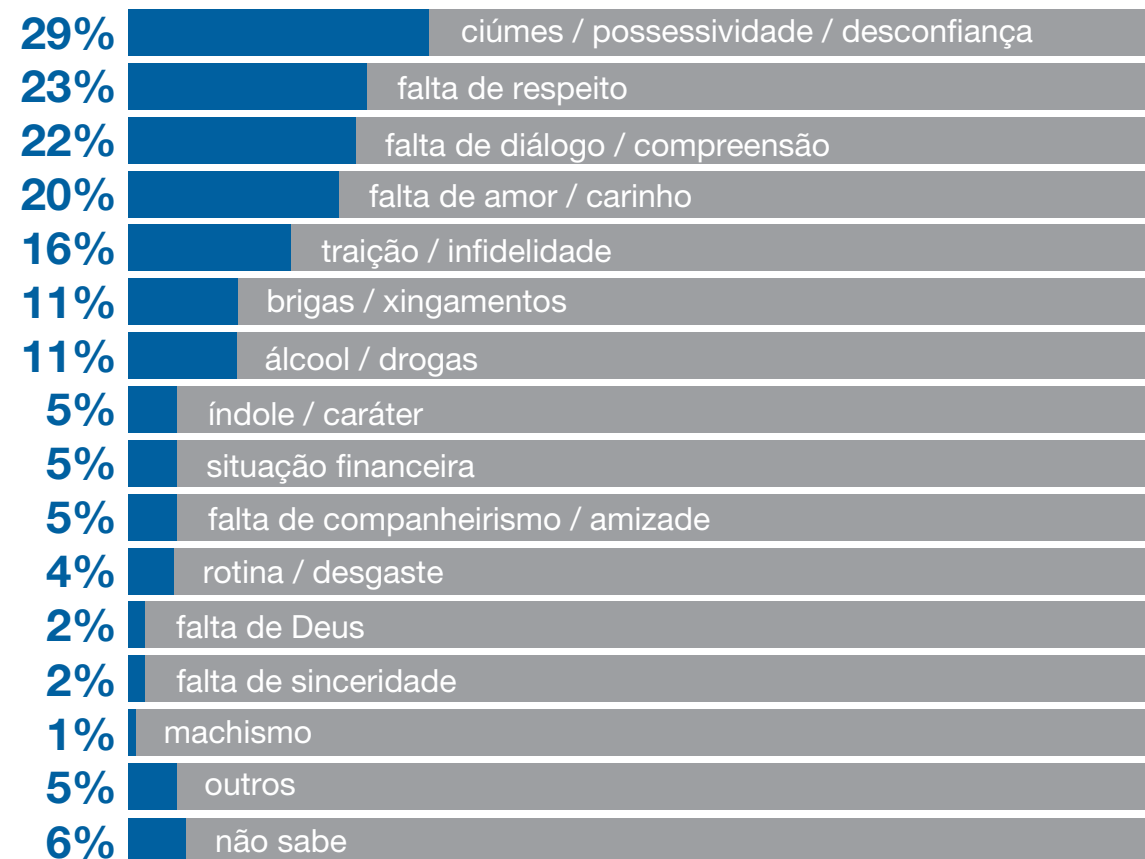


Estereótipos de gênero e violência



A violência pode surgir no relacionamento principalmente por ciúmes e quando falta respeito, diálogo e amor

Por que um relacionamento fica violento (homens)



Base: 956 homens

E32. Em alguns casos, o relacionamento amoroso vira um relacionamento violento. Por que você acha que isso acontece?

Casamento ideal deve ter respeito, companheirismo, amor e diálogo

Como é um casamento ideal (homens)



Base: 995 homens

E1. Como é, para você, um casamento ideal?

Que saídas eles enxergam?



ELAS PRECISAM SER ACOLHIDAS

“As mulheres têm poucas portas de saída para uma situação de violência. O principal instrumento que ela tem, e a sociedade quer que ela use, é denunciar a violência. Esse é um passo muito forte. Imagine uma mulher extremamente fragilizada, frustrada, com filhos, buscar essa saída. Ela tem vergonha, tem medo. Para evitar a violência, precisamos ter leis, responsabilização e, nos casos severos, prisão. Tem que ter um espaço, para além do espaço do casal, de apoio social e psicológico, para ambos processarem uma mudança. Temos que apostar na capacidade de mudança das pessoas.”

Jacira
Vieira
de Melo

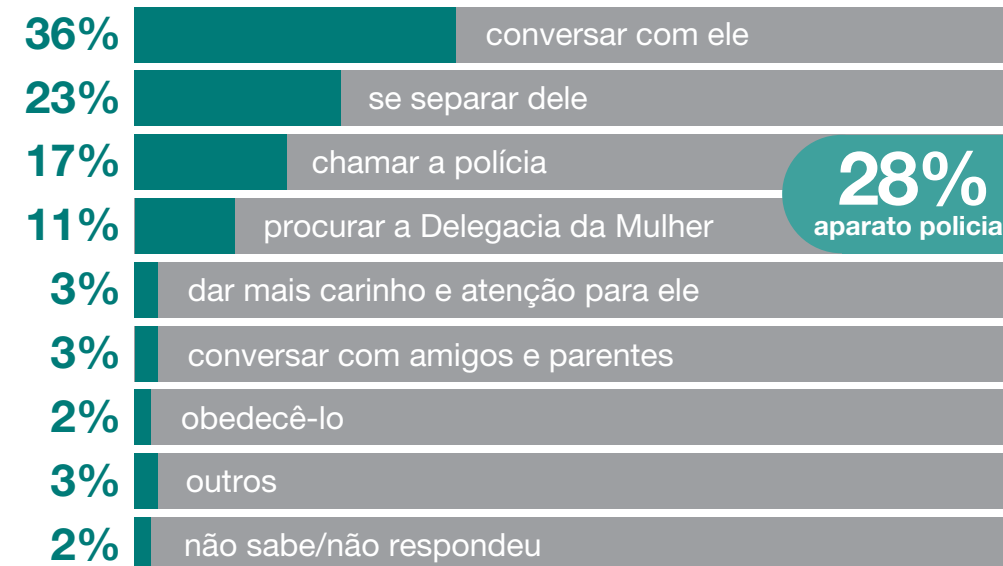
Diretora executiva do Instituto
Patrícia Galvão - Mídia e Direitos

Parte das agressões não é considerada como motivo para denúncia

Os homens acreditam que tanto mulheres como homens que se encontram em situação de violência doméstica devem se abrir e falar sobre isso, seja com o parceiro ou com outras pessoas. Eles também apoiam a procura de ajuda especializada. Já o aparato policial, segundo eles, não é para todos os casos.

Diante de certas formas de violência, a maioria dos homens acredita que não é correto chamar a polícia ou procurar a Delegacia da Mulher

Primeira coisa que uma mulher deve fazer se o marido praticar violência (entre os homens)



4%

dos homens declaram que ao menos uma parceira sua (atual ou ex) já procurou a Delegacia da Mulher ou a polícia para denunciá-lo

Base: 995 homens

E33. Em alguns relacionamentos os homens podem se tornar agressivos com suas esposas. Na sua opinião, qual a primeira coisa que uma mulher deve fazer quando seu marido é violento com ela? F9. Alguma parceira ou ex-parceira sua já procurou a Delegacia da Mulher ou a polícia para denunciá-lo?

Que saídas eles enxergam?



O homem agressor deve recorrer à conversa e à terapia

O que um homem deve fazer para lidar com seu problema de violência doméstica (homens)



41% recomendam conversa



68%

dos homens dizem que, caso enfrentassem problemas em algum relacionamento por conta de atitudes agressivas, aceitariam participar de algum programa que os ajudassem a mudar o comportamento.

Base: 995 homens
F8. Se um homem é agressivo no relacionamento com sua esposa, qual tipo de ajuda você acha que ele deveria procurar em primeiro lugar? (ESPONTANEA)

Maioria dos homens não apoia ida à Delegacia da Mulher por ameaças e humilhações

Acha correto a mulher procurar ajuda na Delegacia da Mulher ou na polícia se o marido....



Base: 995 homens
F7 Em alguns casos, mulheres que têm relacionamentos violentos procuram ajuda na Delegacia da Mulher ou polícia. Você acha que é correto a mulher procurar ajuda na Delegacia da Mulher ou na polícia se o seu marido....

A campanha *Fale sem Medo*



Maria da Penha: parceira desde o início

Em uma grande pesquisa realizada pela Avon em seus principais mercados, para ouvir das mulheres que causas a Avon deveria adotar como missão para seu investimento social, duas rapidamente foram ressaltadas: o combate à mortalidade por câncer de mama e à violência doméstica. A Avon abraçou ambas.

A campanha contra a mortalidade por câncer de mama foi a primeira a ser lançada mundialmente e já completa 20 anos. Mas foi preciso um pouco mais de tempo para formatar a ação global da empresa contra a violência doméstica, pela complexidade do tema e pela necessidade de discussões muito profundas sobre um assunto tabu. Em 2004, a campanha *Speak out Domestic*

Violence finalmente nasceu. Quatro anos depois, em 2008, chegou ao Brasil com o nome de *Fale sem medo – não à violência doméstica*. Uma proposta de acabar com o silêncio que gira em torno do tema, tanto por parte das vítimas quanto dos agressores e de todas as pessoas. A sociedade precisa falar, denunciando, compartilhando experiências, buscando e oferecendo ajuda, como forma de trazer à tona a gênese do buscar soluções.

A Avon orgulha-se de ter sido a primeira empresa no Brasil a defender publicamente esta causa e, dessa forma, ter inspirado outras empresas e organizações a agirem nesse sentido. Esta decisão foi reconhecida publicamente no ano passado, em um ato público durante o *2º Encontro Global de Parcerias pelo Fim da Violência contra a Mulher*,



Compromisso e Atitude: Avon encabeça as assinaturas

em Brasília, quando a Avon se tornou a primeira empresa a apoiar a campanha *Compromisso e Atitude – a Lei é mais forte*, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. O documento foi assinado pela presidente global da Avon, Sheri McCoy, pelo presidente da Avon Brasil, David Legher, e pela ministra Eleonora Menicucci, da SPM-PR.

A campanha da Avon já destinou, no Brasil, mais de R\$ 7 milhões para projetos que visam a disseminação de informação sobre o que é a violência doméstica, os alcances e as possibilidades da Lei Maria da Penha e o serviço Ligue 180, que orienta mulheres vítimas de violência. Esse recurso provém principalmente da venda de cosméticos da Avon promovida pelas mais de 1,5 milhão de revendedoras autônomas, que tem parte do lucro revertido para a causa. Ou ainda da venda dos acessórios de moda com o símbolo do infinito, também oferecidos nos folhetos de produtos Avon, que tem 100% do lucro revertido para as ações do instituto Avon.

Essa renda tem viabilizado de projetos como a criação, em 2010, do *Portal Quebre o Ciclo*, coordenado pela ONU Mulheres, que levou mais informação sobre as possibilidades de alcance da Lei Maria da Penha para operadores do Direito. Ou do concurso *Em Briga de Marido e Mulher se Mete a Colher*, que premiou autores de curtas relacionados ao tema. Há ainda a fotonovela *Futuros Possíveis*, parceria com o Instituto Noos, distribuída para centenas de organizações para alertar os jovens sobre os indícios de violência de gênero nos vários ambientes. Ainda com foco nos jovens, o Instituto Avon apoia o projeto *Graffiti pelo*



Graffiti contra a violência: arte urbana e conscientização

Fim da Violência Doméstica, em parceria com a Rede Nami, com oficinas de sensibilização para jovens em escolas públicas cariocas.

Recentemente, o Instituto Avon mais uma vez investiu na conscientização das novas gerações, ao anunciar o apoio da segunda fase do projeto *Quem Ama Abraça*, coordenado pela Redeh (Rede de Desenvolvimento Humano), com a proposta de sensibilizar jovens de escolas públicas para o tema da violência doméstica contra a mulher. Dessa forma, com apoio de parceiros como estes e outros, como o Instituto Maria da Penha, a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, e o Instituto Patrícia Galvão, a Avon vai contribuindo para a desconstrução da violência doméstica de gênero, que destrói famílias e tira a possibilidade de seres humanos se desenvolverem. Com a esperança de um mundo mais feminino, justo e baseado no respeito mútuo.



Em vigor desde 2006, a Lei Maria da Penha tem conquistado reconhecimento internacional como uma das legislações mais avançadas do mundo no enfrentamento da violência contra a mulher. Essa lei é uma conquista dos movimentos de mulheres no Brasil, que lutaram para dar visibilidade a um tema que era considerado privado ou de menor potencial ofensivo.

Apesar de muito comentada, a Lei Maria da Penha ainda é pouco compreendida. Entre os homens ouvidos nesta pesquisa, apenas 18% afirmaram saber muito ou bastante sobre a lei. Aqui, procuramos resumir as principais inovações trazidas pela lei.

Reconhecimento da violência contra a mulher
O artigo 6º diz: “A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos”. A lei determina que as mulheres têm direito a uma vida sem violência e em condições para o exercício de seus direitos.

A criação de uma legislação específica para lidar com a violência doméstica e familiar contra a mulher é importante para o reconhecimento que não se trata de violência comum, mas que tem raízes na desigualdade histórica entre homens e mulheres.

Tipos de violência

A Lei Maria da Penha lista cinco formas de violência:

- Violência física: atitudes que ofendam a integridade física ou a saúde da mulher.
- Violência psicológica: condutas que

causem dano emocional ou diminuição da autoestima, que prejudiquem o desenvolvimento ou que sejam formas de controle e coerção. Dentro dessas condutas, estão ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir.

- Violência sexual: acontece quando a mulher é obrigada a manter ou presenciar relação sexual não desejada, pela força ou por ameaças e intimidação; quando é induzida ou forçada à comercialização ou utilização de sua sexualidade; quando é impedida de usar métodos contraceptivos ou forçada ao casamento, gravidez, aborto ou prostituição; e quando tem seus direitos sexuais e reprodutivos limitados ou anulados.

- Violência patrimonial: nos casos de retenção, subtração ou destruição de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens e valores.

- Violência moral: calúnia, difamação ou injúria.

Não apenas dentro do casamento

A Lei Maria da Penha também avança ao reconhecer que a violência doméstica e familiar contra a mulher não acontece somente dentro de casais com a relação oficializada ou que moram juntos. São previstos três casos que caracterizam a violência de que fala a lei: quando é cometida por pessoa que vive na mesma casa, mesmo que não tenha vínculo familiar; quando acontece dentro da família, seja por laços naturais, de afinidade ou vontade expressa; e quando há (ou houve) uma relação íntima de

afeto, independentemente da coabitação – ou seja, vale também para casais de namorados.

Fim da impunidade

Três aspectos da lei respondem à demanda pelo fim da impunidade nos casos de violência contra a mulher:

- Criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher: que devem ter equipes multidisciplinares com profissionais aptos a prestar atendimento psicossocial, jurídico e de saúde.

- Proibição da cesta básica: no artigo 17, a lei veda a aplicação de penas de cesta básica ou pagamento de multa isoladamente.

- Prisão preventiva: quando houver descumprimento das medidas protetivas ou quando o juiz considerar que há ameaça contra a mulher, pode determinar a prisão preventiva do agressor.

Medidas protetivas

Um efeito especialmente difícil da violência contra a mulher é que, para se proteger, muitas vezes era a vítima quem saía de casa. Além de perder laços já construídos com a comunidade, ficava vulnerável à perda de bens ou da guarda dos filhos. Embora ainda preveja o encaminhamento para abrigos em caso de urgência, a Lei Maria da Penha prevê uma série de medidas que o juiz pode aplicar para afastar o agressor:

- Afastamento do lar ou do local de convivência;
- Limite mínimo de distância para impedi-lo de se aproximar da mulher, familiares e testemunhas;

- Proibição da presença em locais frequentados pela vítima;
- Restrição do contato com a vítima por qualquer meio de comunicação;
- Restrição de visita aos filhos.

Saúde e assistência social

O atendimento à mulher vítima de violência, além dos aspectos jurídicos, deve contemplar sua saúde, incluindo acesso à contracepção de emergência e profilaxia para doenças sexualmente transmissíveis; cadastro em programas assistenciais; e garantias trabalhistas, incluindo a manutenção do vínculo caso seja necessário afastamento do trabalho por até seis meses.

Educação e informação

A Lei Maria da Penha também propõe estratégias para o enfrentamento à violência de forma mais ampla. Assim, estabelece a realização de campanhas para prevenção da violência voltadas à sociedade em geral, programas educacionais e destaque nos currículos escolares de conteúdos sobre direitos humanos, igualdade de gênero e raça. Os meios de comunicação também devem coibir estereótipos que legitimem a violência doméstica.

Outro aspecto é a produção de estudos e pesquisas sobre as causas, consequências e frequência da violência contra a mulher. Os dados encontrados devem ser sistematizados e incluídos nas bases do Sistema Nacional de Justiça, e podem auxiliar a avaliação das medidas adotadas.

Fontes de referência



AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO
www.agenciapatriciagalvao.org.br

ANIS - INSTITUTO DE BIOÉTICA, DIREITOS HUMANOS E GÊNERO
www.anis.org.br/

ASSOCIAÇÃO MULHERES PELA PAZ
www.mulherespaz.org.br/

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA
www.palasathena.org.br

AVON FOUNDATION FOR WOMEN
www.avonfoundation.org

CAMPANHA BRASILEIRA DO LAÇO BRANCO
www.lacobrancobrasil.blogspot.com.br/

CEMINA - COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO EM GÊNERO
www.cemina.org.br

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA – CFEMEA
www.cfemea.org.br

CEPIA - CIDADANIA, ESTUDO, PESQUISA, INFORMAÇÃO E AÇÃO
www.cepia.org.br/

COLETIVO FEMINISTA SEXUALIDADE E SAÚDE
www.mulheres.org.br

FORD FOUNDATION
www.fordfoundation.org/regions/brazil

FUNDO SOCIAL ELAS
www.fundosocialelas.org

INSTITUTO AVON
www.institutoavon.org.br

INSTITUTO MARIA DA PENHA
www.mariadapenha.org.br

INSTITUTO NOOS
www.noos.org.br

INSTITUTO PROMUNDO
www.promundo.org.br

MAPA DA VIOLÊNCIA
www.mapadaviolencia.org.br/

NAMI REDE FEMINISTA DE ARTE URBANA
www.redenami.com

ONU MULHERES BRASIL E CONE SUL
www.unifem.org.br

PORTAL COMPROMISSO E ATITUDE PELA LEI MARIA DA PENHA
www.compromissoeatitude.org.br/

REDEH - REDE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
www.redeh.org.br/

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
www.spm.gov.br

UBM - UNIÃO BRASILEIRA DE MULHERES
www.ubmulheres.org.br

VITAL VOICES
www.vitalvoices.org



A cada 4 minutos uma mulher é vítima de agressão no Brasil

GERAIS

- Até 70% das mulheres sofrem violência ao longo da vida.
- Entre 500 mil a 2 milhões de pessoas são traficadas anualmente, em situações como prostituição, trabalho forçado, escravidão ou servidão, e cerca de 80% das vítimas identificadas são meninas e mulheres.
- A forma mais comum de violência sofrida pelas mulheres no mundo é a violência física imposta por um parceiro íntimo, como espancamento, relações sexuais forçadas ou outras condutas abusivas.
- De um total de 11 países pesquisados, o percentual de mulheres que já foi vítimas de violência sexual por um parceiro íntimo varia de 6% no Japão para 59% na Etiópia.
- Na Austrália, Canadá, Israel, África do Sul e Estados Unidos, 40 a 70% das mulheres vítimas de assassinato foram mortas pelos seus parceiros.
- Mulheres com idade entre 15 e 44 anos têm maior risco de estupro e violência doméstica do que de câncer ou acidentes de carro.
- As mulheres que são agredidas por seus parceiros têm 48% mais chance de terem AIDS.
- Os gastos com a violência contra as mulheres são extremamente elevados, já que incluem os custos para levar os responsáveis à Justiça, além dos serviços para tratar e apoiar mulheres nesta situação e seus filhos.

BRASIL

- A cada quatro minutos uma mulher é vítima de agressão no Brasil.
- A cada uma hora e meia ocorre um feminicídio - morte de mulher por conflito de gênero - no Brasil.
- Mais de 43 mil mulheres foram assassinadas no Brasil nos últimos dez anos, boa parte pelo próprio parceiro.
- Desde que foi sancionada a Lei Maria da Penha, a Central de Atendimento à Mulher atendeu três milhões de denúncias.
- Mas estima-se que mais de 13 milhões e 500 mil brasileiras já sofreram algum tipo de agressão de um homem, sendo que 31% destas mulheres ainda convivem com o agressor e 14% continuam a sofrer violências. Isso significa que 700 mil brasileiras são alvo de agressões cotidianamente.
- Do total de relatos de violência registrados no 1º semestre de 2013 pelo Ligue 180, a Central de Atendimento à Mulher, a agressão foi presenciada pelos filhos em 64% dos casos. Em quase 19% eles também sofreram agressões.
- O Espírito Santo é o estado brasileiro com a maior taxa de feminicídios, sendo 11,24 a cada 100 mil mulheres, seguido por Bahia (9,08) e Alagoas (8,84). A região com as piores taxas é o Nordeste.

- Há apenas 500 delegacias para atender mulheres agredidas em todo o Brasil.
- Dois mil homens são presos anualmente por agredirem suas parceiras.
- O Brasil é o sétimo país no ranking de assassinato de mulheres dentre 84 países, perdendo, na América do Sul, apenas para a Colômbia e, na Europa, para a Rússia; Os números brasileiros desses assassinatos ainda são maiores do que os de todos os países árabes e africanos.
- Em todo o país, as mulheres de menor nível educacional ainda são as mais agredidas; 71% dessas relatam aumento de violência em seu cotidiano.
- 54% dos brasileiros conhecem alguma vítima de violência doméstica.
- 66% dos brasileiros acreditam que o constrangimento ainda é uma barreira e que a vítima tem vergonha que saibam da violência.
- 30% das mulheres acreditam que as leis do país não são capazes de protegê-las da violência doméstica.
- 18,6% das mulheres afirmaram já ter sido vítimas de violência doméstica.
- Uma em cada quatro mulheres disse que já se sentiu controlada ou cerceada pelo parceiro: que ficava controlando aonde ela ia (15%); procurava mensagens no seu celular ou e-mail (12%); vigiava e perseguia (10%); impedia de sair (7%); ou já havia rasgado ou escondido seus documentos (2%).
- 75% dos brasileiros acreditam que as agressões nunca ou quase nunca são punidas.
- A violência física predomina, mas cresce o reconhecimento das agressões moral e psicológica?
- 42% dos brasileiros acham que a justiça é lenta.
- O medo ainda é o maior inibidor das denúncias de agressões contra as mulheres.

FONTES:

Mapa da Violência 2012 – atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil (CEBELA/FLACSO/Instituto Sangari, agosto de 2012).

Organização das Nações Unidas:

Pesquisa Data Senado (março/2013)

Pesquisa Percepção da Sociedade sobre Violência e Assassinatos de Mulheres, do Instituto Patrícia Galvão (Agosto/2013)

Ipea

Módulo de Violência da Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (Fundação Perseu Abramo/SESC, 2010)

Balanco do Ligue 180, dados consolidados de 2012

REALIZAÇÃO

Instituto Avon

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Miriam Scavone (Avon)

PLANEJAMENTO DA PESQUISA

Kátia Mendes (Avon)

Miriam Scavone (Avon)

Cintia Rinaldi (Instituto Avon)

Maira Saruê Machado e Renato Meirelles (Data Popular)

REALIZAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA

Maira Saruê Machado e Renato Meirelles (Data Popular)

CONSULTORIA ANALÍTICA

Carlos Zuma e Marina Sidrim Teixeira (Instituto Noos)

EDIÇÃO

Miriam Scavone e Jacqueline Pereira

REDAÇÃO

Bárbara Lopes

REVISÃO

Jacqueline Pereira e Larissa Alvarez

PLANEJAMENTO E SUPERVISÃO DO MATERIAL IMPRESSO

Denise Falco e Ronaldo Buzato (Oggi Comunicação)